



“[5] E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. [6] Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará. [7] E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. [8] Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem.” (Mateus 6.5-8 – Nova Versão Internacional, 1993)

INTRODUÇÃO

O modelo de oração ensinado pelo Senhor Jesus (cf. Mateus 6.9-13) ficou conhecido como “Oração do Pai Nosso”. É praticamente impossível encontrar alguém que não tenha conhecimento desse modelo de oração. Na realidade, qualquer pessoa, mesmo que não seja adepta de alguma confissão religiosa, não apenas conhece a Oração do Pai Nosso, como também consegue recitá-la de memória.

Apesar de a Oração do Pai Nosso ser amplamente conhecida, as instruções que a precedem frequentemente são mal compreendidas. No início da minha caminhada cristã, várias dúvidas surgiam em minha mente quando eu refletia, com base nas palavras do Senhor Jesus, sobre o modo correto de orarmos a Deus: é errado orar em público, ao ar livre? A oração deve ocorrer apenas em casa, mais precisamente no quarto, sendo inválidas as orações feitas na sala ou na cozinha? Devemos orar somente quando estamos sozinhos, com a porta do quarto fechada? E, durante esses momentos de oração, é

necessário repetir as palavras de Jesus *ipsis litteris*, exatamente como estão no texto? Essas são algumas questões que sempre vinham à minha mente ao tentar compreender essa passagem das Escrituras.

Após estudar a Oração do Pai Nosso com calma e prestar atenção aos significados dos contextos imediato e geral do texto bíblico, percebi que o que, de fato, o Senhor Jesus deseja nos ensinar é que há um “lugar secreto” onde a presença de Deus repousa, um lugar onde eu e você devemos habitar. Esse “lugar secreto” é o tema da presente reflexão. Que o Senhor Jesus nos abençoe e que o Seu Santo Espírito nos guie através de Sua Palavra. Amém!

1. A ORAÇÃO NÃO DEVE SER APENAS UMA POSSIBILIDADE EM NOSSA VIDA

Quando o Senhor Jesus inicia sua abordagem sobre a oração (v. 5), Ele não diz “se vocês orarem”. Ele não utiliza a conjunção “se”, que expressa uma possibilidade de que a oração possa ou não ocorrer. A fala de Jesus é “*quando vocês orarem*”. Ele utiliza a conjunção “quando”, que indica a certeza de que o ato de orar ocorrerá em algum momento no futuro. Ao dizer “quando vocês orarem”, o Senhor Jesus estabelece uma certeza temporal, indicando que a oração é algo esperado e inevitável. **Em nossa vida, a oração não deve ser apenas uma possibilidade, mas uma realidade tangível e inegociável.**

A oração precisa fazer parte de uma realidade contínua na vida de cada um de nós. Não apenas em caráter coletivo, como em “*quando vocês orarem*” (v. 5), mas também em caráter individual, como em “*quando você orar*” (v. 6). Mais que uma realidade, a oração deve ser entendida como uma necessidade, pois haverá problemas em nossa vida que só se resolverão através da oração. Cedo ou tarde, passaremos por situações em que não adiantará buscar conselhos, empreender esforços ou tomar qualquer outra atitude que não seja orar. Esta não é simplesmente uma opinião pessoal, mas sim o que a Bíblia afirma. Nas Sagradas Escrituras, vemos que Pedro foi liberto da prisão porque “*a igreja orava intensamente a Deus por ele*” (cf. Atos 12.5-7); Paulo e Silas também foram libertos da prisão porque “*estavam orando e cantando hinos a Deus*” (cf. Atos 16.25-26); e há uma certa espécie de demônios que só é expulsa através da oração (cf. Marcos 9.28-29). Apesar disso, muitos ainda questionam a necessidade da oração. Para eles, se Deus já conhece nossas necessidades e, antes mesmo que a palavra chegue à nossa língua, Ele já a conhece inteiramente (cf. Salmo 139.4), por que, ainda assim, precisamos orar?

Sempre que me perguntam por que devemos orar, respondo: Se o Senhor Jesus, sendo 100% Deus (cf. Colossenses 2.9) e sendo um com o Pai (cf. João 10.30), orava intensamente – “*Num daqueles dias, Jesus saiu para o monte a fim de orar, e passou a noite orando a Deus*” (Lucas 6.12 – NVI, 1993) – o que dizer de nós, que somos receptáculos do pecado (cf. Romanos 7.19) e cuja natureza humana está em constante conflito com o Espírito (cf. Gálatas 5.17)? Quando não entendemos que a oração, além de ser uma realidade, é uma necessidade, ficamos aquém daquilo que ela pode fazer por nós.

2. INGREDIENTES SÃO IMPORTANTES, MAS O MODO DE PREPARO É FUNDAMENTAL

Todos sabemos que, para preparar um bolo, é necessário termos os ingredientes à disposição: açúcar, farinha de trigo, fermento, leite, óleo, ovos, etc. Porém, a simples junção desses elementos não faz com que o bolo, por si só, fique pronto. Os ingredientes são importantes, mas o modo de preparo é fundamental.

Por analogia, a Oração do Pai Nosso é como um bolo, no qual os versículos que a compõem são os ingredientes, e os versículos anteriores a ela (vv. 5-8) correspondem ao modo de preparo. Eles nos mostram como devemos orar e como podemos alcançar os resultados efetivos de nossa oração. Sendo assim, não basta orar, não basta termos os “ingredientes” da oração; é preciso saber como orar, precisamos aprender o “modo de preparo” da oração. Não basta simplesmente repetirmos as palavras proferidas por Jesus; é necessário internalizar seus conceitos e compreender suas diretrizes. Portanto, antes de o Senhor Jesus ensinar os discípulos a orar, Ele primeiro os ensina sobre como não orar, para depois mostrar o jeito correto de orar e, por fim, deixar-lhes um modelo de oração.

3. LUZES QUE ILUMINAM, LUZES QUE SINALIZAM E LUZES QUE DECORAM

“E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa.” (Mateus 6.5 – NVI, 1993)

A primeira advertência do Senhor Jesus é para que não ajamos como muitos fariseus de Sua época. Os fariseus eram um grupo de judeus conhecidos por sua rigorosa observância da lei mosaica e das tradições orais. Embora muitos fossem sinceros em sua prática religiosa, Jesus acusava alguns de seguirem minuciosamente os rituais externos da religião, mas sem terem o coração verdadeiramente comprometido com a justiça, a misericórdia e a fé. Eles davam grande ênfase a regras e rituais, mas negligenciavam os princípios fundamentais do amor e da justiça. Jesus os chama de “hipócritas”, do grego ὑποκριτής (*hypokrités*), que significa “atores de teatro”. Na Grécia antiga, ὑποκριτής (*hypokrités*) designava os atores que usavam máscaras para representar diferentes personagens no palco, muitas vezes interpretando papéis que não refletiam suas verdadeiras identidades.

No texto bíblico, quando o Senhor Jesus diz: ‘não orem como os hipócritas’, Ele está nos advertindo a não orarmos como se estivéssemos interpretando um personagem. Ao orarmos, não devemos ser diferentes de quem realmente somos no coração de Deus. Para fugir de sua verdadeira essência, muitas pessoas criam para si, e para os outros, um personagem que não tem problemas, que não chora diante dos outros e que vive uma vida completamente diferente de quem realmente são. Através desse personagem, elas conseguem enganar até mesmo a própria família, por causa da aparência exterior, da fala, dos gestos e das atitudes de alguém que aparenta viver uma vida perfeita.

Orar como um hipócrita é fingir diante de Deus e das pessoas ao redor ser alguém que não é. Significa representar um papel que oculta sua verdadeira personalidade ou intenções por trás de uma “máscara” religiosa, semelhante a um ator no teatro grego. Mesmo no meio cristão evangélico, em ajuntamentos solenes, muitas pessoas se “fantasiam” para aparentar ser o que nunca foram. Elas criam estereótipos, alteram o padrão comportamental, modulam a fala e incorporam personagens, tudo na tentativa de “*serem vistas pelos outros*”. Há aqueles que, ao orarem em público, engrossam a voz, ajustam a postura corporal e fazem orações utilizando termos eruditos e complicados. São orações “matemáticas”, com frases calculadas, de modo que não sabemos se a pessoa está orando ou resolvendo uma equação. Por mais incrível que pareça, já me deparei com gente que ora mais ou menos assim: “Amantíssimo Deus, estamos de genuflexo diante da Sua inacessível glória, para extrair a raiz quadrada da nossa mente, tangenciar a Sua presença e assim obter o fator exponencial da Sua vontade”.

O maior problema em tudo isso é que Deus não se relaciona com personagens, mas com pessoas. Ele não está interessado em nossa aparência exterior ou na projeção que temos perante os outros. Desde sempre, Deus se interessa apenas pelo que há no interior de nosso coração (cf. 1 Samuel 16.7). A oração não é uma performance; a verdadeira oração ocorre quando você se apresenta diante de Deus com espírito quebrantado, ciente de que um coração contrito e humilhado não será desprezado por Ele (cf. Salmo 51.17). Em suma, Deus deseja se encontrar com quem você é quando ninguém está te observando, naquele momento em que você volta a ser a pessoa que sempre foi no coração do Pai.

Jesus está dizendo: “Não orem como aqueles que agem como atores, buscando apenas serem vistos pelos homens, desejando o glamour, a fama e os holofotes voltados para si.” No capítulo anterior do texto bíblico que lemos, o Senhor Jesus afirmou: “*Vocês são a luz do mundo*” (Mateus 5.14 – NVI, 1993). Não se trata de uma frase condicional, tampouco de algo relacionado ao passado ou futuro. Ele não disse “se vocês forem a luz do mundo”, ou “vocês foram a luz do mundo”, nem mesmo “vocês serão a luz do mundo”. Ele afirmou: “*vocês são a luz do mundo*”, algo já estabelecido no tempo presente. Sendo assim, faz sentido afirmarmos que somos a luz do mundo. Mas que tipo de “luzes” somos? Quais têm sido as características da nossa “iluminação”?

Basicamente, há três tipos de luzes: as luzes que iluminam, as luzes que sinalizam e as luzes que decoram:

- **Luzes que iluminam.** Quando estão acesas, mostram o caminho e a direção, revelando onde você está e para onde pode ir. Elas promovem clareza e visibilidade em ambientes ou espaços. São luzes que eliminam a escuridão e facilitam a realização de tarefas. Há pessoas que são luzes em nossa vida: elas nos mostram o caminho que Deus tem para nós, a melhor decisão que podemos tomar, revelam onde estamos e onde Deus deseja que estejamos, iluminando nossas dúvidas e incertezas.

- **Luzes que sinalizam.** Indicam alertas, direções ou informações específicas. Elas servem para comunicar algo, orientar ou chamar a atenção para uma ação, como um aviso de perigo ou uma instrução de movimento. Há pessoas que, além de iluminar nosso caminho e nos mostrar a melhor direção, também nos sinalizam quando estamos em uma rota errada, se estamos lentos demais ou avançando rápido demais, ou se há obstáculos à nossa frente. São pessoas que nos corrigem quando erramos e precisamos ajustar nossa rota, mas que também nos apoiam quando acertamos e nos incentivam a seguir em frente.

- **Luzes que decoram.** Não têm o objetivo de prover clareza total ou orientação específica; servem apenas como enfeite. São os famosos pisca-piscas, que não sinalizam e pouco iluminam. São luzes que atraem a atenção apenas para si e para suas performances. Quanto mais coloridas, mais bonitas parecem; quanto mais variedade de movimentos, mais atraentes se tornam. Há pessoas que são a ‘luz do mundo’, mas apenas decoram. São pessoas preocupadas apenas com o próprio brilho, que não abrem mão de serem o centro das atenções onde quer que estejam. São luzes que apenas piscam, sem iluminar ou advertir, focadas exclusivamente no próprio bem-estar e na autopromoção.

4. QUANDO O MENOS É MAIS

“E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mateus 6.7 – NVI, 1993)

Orar a Deus com qualidade é diferente de repetir as mesmas palavras em grande quantidade. A oração não é avaliada pelo número de palavras que você despeja aos ouvidos de Deus, mas pela sinceridade e intensidade com que você derrama o coração na presença d’Ele. A oração não diz respeito ao número de frases que formamos, mas ao quanto do nosso coração transbordamos. Às vezes, podemos estar em oração perante Deus sem conseguir proferir uma única palavra, porque a única coisa que possuímos são lágrimas. No entanto, nesses momentos, o Espírito Santo é capaz de converter cada lágrima em palavras e frases que alcançam o coração de Deus.

5. O LUGAR SECRETO

“Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará.” (Mateus 6.6 – NVI, 1993)

À primeira vista, ao nos depararmos com essa ordem deixada pelo Senhor Jesus, é difícil não lermos esse trecho bíblico de forma ocidentalizada. Ao ler o texto, muitos de nós imaginam alguém em seu quarto, com portas e janelas fechadas, ajoelhado ao lado da cama, sozinho e orando ao Senhor. Embora não seja errado orar dessa maneira, o texto bíblico não se refere ao cômodo que utilizamos em nossa casa para repouso e descanso.

No texto bíblico original em grego, utilizado para escrever o Novo Testamento, a palavra ‘quarto’ é traduzida como *tameíon* (ταμεῖον), que significa ‘*câmara interna para guarda de alimentos*’. Trata-se de um local mais isolado do restante da casa, com pouca circulação de pessoas, onde, uma vez dentro, a pessoa não vê e também não é vista pelos demais moradores da residência ou pelo seu entorno. Metaforicamente, o *tameíon* é o ‘lugar secreto’ onde eu e você devemos habitar. No *tameíon*, não precisamos performar para ninguém. Ele está localizado em nosso interior, e lá podemos simplesmente ser quem somos no coração de Deus. No *tameíon*, podemos ser sinceros e verdadeiros diante de Deus, confessar todas as nossas fraquezas, pecados e mazelas. Nesse lugar, podemos orar com a mesma sinceridade de uma criança (cf. Mateus 18.3), sem falsidade, teatralidade, personagens ou hipocrisia.

Quando estamos no ‘lugar secreto’ com Deus, longe das performances diante das pessoas, distantes da necessidade de provar que somos sempre perfeitos e sem a pressão de ostentar uma imagem que não condiz com quem realmente somos, temos a liberdade de ser exatamente quem somos no coração de Deus. Nesse momento, descobrimos que, muitas vezes, em vez de termos um encontro verdadeiro com Aquele a quem chamamos de Deus, o que tivemos foi apenas uma experiência religiosa.

No *tameíon* (ταμεῖον), o Espírito Santo nos ensina que existem pessoas além de nós mesmos, além do nosso individualismo e interesses pessoais. No ‘lugar secreto’, descobrimos:

- Que o Pai é nosso e, por meio do Seu Evangelho, Ele nos projeta para o próximo: “*Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso, todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros.*” (João 13.34-35 - NVI, 1993);
- Que, pelo fato de nosso Pai ser Santo, devemos refletir a “cara do Pai”, ou seja, a santidade divina deve se manifestar em nossa vida: “*Quanto à antiga maneira de viver, vocês foram ensinados a despir-se do velho homem, que se corrompe por desejos enganosos, a serem renovados no modo de pensar e a revestir-se do novo homem, criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade.*” (Efésios 4.22-24 - NVI, 1993);
- Que a soberania de Deus deve reinar em todos os nossos projetos e decisões: “*Muitos são os planos no coração do homem, mas o que prevalece é o propósito do Senhor.*” (Provérbios 19.21 - NVI, 1993);
- Que, uma vez que o pão (singular) é nosso, é nossa responsabilidade compartilhá-lo uns com os outros: “*Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?*” (1 João 3.17 - NVI, 1993);
- Que nossos pecados são perdoados por Deus, para que possamos fazer o mesmo pelos outros: “*Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor lhes perdoou.*” (Colossenses 3.13 - NVI, 1993). Quem chama Deus de Pai, não pode escolher

irmão. E, se não podemos chamar de irmão a quem Deus chama de filho, talvez sejamos nós que não possamos chamar Deus de Pai.

CONCLUSÃO


Na Bíblia, há diversos relatos de homens e mulheres que tiveram experiências profundas com Deus no “lugar secreto”. Em um de seus poemas, o salmista Davi declara: *“Uma coisa pedi ao Senhor, é o que procuro: que eu possa viver na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a bondade do Senhor e buscar sua orientação no Seu templo”* (Salmo 27.4 – NVI, 1993). Davi demonstrava uma necessidade latente de estar constantemente no “lugar secreto”, diante da presença de Deus.

O livro do Êxodo narra uma experiência maravilhosa de Moisés, quando ele estava no “lugar secreto”. O texto bíblico relata: *“Quando Moisés subiu, a nuvem cobriu o monte, e a glória do Senhor permaneceu sobre o monte Sinai. Durante seis dias a nuvem cobriu o monte. No sétimo dia, o Senhor chamou Moisés do interior da nuvem. Aos olhos dos israelitas, a glória do Senhor parecia um fogo consumidor no topo do monte. Moisés entrou na nuvem e foi subindo o monte. E permaneceu no monte quarenta dias e quarenta noites.”* (Êxodo 24.15-18 – NVI, 1993). Como resultado dessa experiência extraordinária, ele escreveu: *“Aquele que habita no lugar secreto do Altíssimo, permanecerá à sombra do Onipotente”* (Salmo 91.1 – KJF, 1611).

Na maioria das vezes, queremos que Deus fale conosco, ainda que não estejamos falando com Ele. Queremos ter intimidade com Deus, mesmo sem sermos íntimos dEle. Desejamos que Deus nos revele coisas secretas, mesmo sem habitarmos o lugar secreto.

Para finalizar, uma das lições mais importantes que podemos extrair de tudo o que vimos até agora é que o lugar secreto, o *tameíon* (ταμείον), é como o quarto de dispensa, onde guardamos os alimentos. Contudo, nós não nos alimentamos na dispensa, mas sim à mesa. A dispensa é o local de onde retiramos os alimentos que serão servidos à mesa. É no lugar secreto que buscamos os alimentos que serão oferecidos àqueles com quem nos relacionamos. O que isso significa? Que somos, em público, o resultado daquilo que desenvolvemos em privado. Na vida cristã, servimos aos outros com aquilo que recebemos no *tameíon*, no lugar secreto. Assim, o que temos colocado na mesa da comunhão? Que alimento temos servido à nossa casa, à nossa família e aos nossos irmãos na fé? Será que temos recorrido ao “*delivery* espiritual” e terceirizado o nosso relacionamento com Deus?

Ensinamos à mesa o que aprendemos no secreto. É no lugar secreto que somos cheios do Espírito Santo, e é à mesa que compartilhamos esse derramamento de Deus na vida de outras pessoas. É no lugar secreto que somos fortalecidos por Deus, e é à mesa que compartilhamos a nossa fé.


 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado, em 11/08/2024, na Primeira Igreja Batista em Vila Formosa, em São Paulo /SP. – cf. https://youtu.be/_Q9UU1OuBTA

Autor: Pr. Herbert Pereira

[Copyright © 2024] – Todos os direitos reservados. – TREC4



Kéryx Estudos Bíblicos e Teológicos – *Em Defesa da Verdade*

 Acesse: keryx.com.br

“Orem por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do Evangelho”
(Efésios 6.19 – Nova Almeida Atualizada)